

## **Brasil de Cor: Estudo Sobre um Acervo<sup>1</sup>**

Herivelto Alves de OLIVEIRA<sup>2</sup>

José Carlos FERNANDES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

Uma análise das entrevistas no *Brasil de Cor*<sup>4</sup>, canal criado para ouvir negros brasileiros no Youtube, aponta traumas e angústias que surgiram por causa da cor da pele. *Brasil de Cor* é um projeto de vídeo idealizado em 2010 e colocado em prática no final de 2016 pelo jornalista Herivelto Oliveira. Surgiu pela percepção de que negros praticamente não apareciam, e continuam não aparecendo, nos telejornais proporcionalmente ao número que representam na população. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), negros e pardos somam 56% dos brasileiros (PNAD, 2019), o que faz do país o segundo em população negra no mundo, perdendo apenas para a Nigéria, na África. Dada a dificuldade de ver médicos, advogados, professores e profissionais negros das mais variadas áreas dando entrevistas na TV, o *Brasil de Cor* saiu em busca desses personagens e descobriu que existem, sim, negros atuando em todos os setores: negros com mestrado e doutorado; negros milionários; negros liderando negócios, ocupando, enfim, os espaços da sociedade (ARAÚJO, 2000; SODRÉ, 2015). Este trabalho mostra destaques das falas dos entrevistados, com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2015). Algumas situações se repetem várias vezes. Outras aparecem no detalhe de uma fala, mas servem também para identificar angústias que apenas os negros enfrentam (SCHWARCZ, 2012; SOUZA, 2021). Desde a sua criação, passaram pelo *Brasil de Cor* quase 70 entrevistados. Embora as entrevistas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na DT – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom-UFPR), email: herivelto@ig.com.br

<sup>3</sup> Doutor e mestre em Estudos Literários. Professor do PPGCom UFPR e do curso de Jornalismo da UFPR, email: zeca@ufpr.br

<sup>4</sup><https://youtube.com/brasilddecor/videos>

tenham sido publicadas com autorização, e algumas se encontram na plataforma Youtube há mais de cinco anos, os casos e falas nesse artigo serão apontados sem atribuição direta a quem fez o comentário, porque não há o desejo de identificar ninguém, mas sim, tratar de algumas consequências que o racismo provoca em quem é vítima dele. Ou apenas retratar sentimentos de quem percebe que o mundo dos negros não é igual ao mundo dos brancos (ALMEIDA, 2018; WEDDERBURN, 2007). Algumas falas foram adaptadas, sem mexer no contexto, para facilitar o entendimento e a leitura: “Ganhei o apelido de chorume”; “minha irmã foi apontada como ladra”; “já vi pessoas desviarem o caminho na calçada”; “taxistas não param para negros”; “entre os 34 bailarinos havia apenas um negro; você pode ser morto por um policial porque está correndo na rua;” “o corpo da mulher negra é sempre sexualizado”; “eu tinha 10 anos e todos achavam que o meu cabelo black era feio”; “o racismo deixa a gente fragilizado, os cabelos embranquecem antes da hora”; “você é a nova empregada do prédio?”; “esse lugar não é seu, sai daqui”; “se tiver dois concorrentes a uma vaga de emprego, um branco e um negro, entra o branco”; “eu queria ficar branca porque eu queria ser anjo no teatro da escola”; “negro é burro, negro não aprende nada”; “eu usava alisantes que eram muito agressivos e machucavam o couro cabeludo”; “eu aprendi na escola que somos todos desiguais” (OLIVEIRA, 2016). A proposta é tratar estas e outras falas tirando delas reflexões que podem ajudar a entender como o comportamento das pessoas é sujeito a mudanças a partir de uma frase dita na infância, durante uma discussão ou até numa brincadeira na qual o racismo se traveste de humor. As marcas ficam e podem até provocar doenças. Sim, o racismo adoece. Entre os entrevistados no *Brasil de Cor* há homens e mulheres com mais de 40 anos que relatam episódios negativos – hoje considerados racistas, mas que eram tolerados algumas décadas atrás. Muitas dessas histórias aconteceram na escola (MORAES, 2013; GAIDARGI, 2019), quando ainda estavam no começo do que é hoje o ensino fundamental. As vítimas, no caso, não foram acolhidas pelo professor, que também não achava que estava havendo *bullying* ou uma conduta indevida, mesmo no universo infantil: “negro e burro, negro não aprende nada”, “tinha professor que fazia a chamada e não falava mais com os alunos negros”. Frases e lembranças que ficaram na cabeça dessas pessoas reforçam a carga histórica e intensa de racismo no país. Por outro lado, há negros que não aceitam e sempre revidaram ou aprenderam a revidar qualquer tipo de atitude preconceituosa de que foram destinatários: “Pior do que o racismo, do que o preconceito, é o complexo,

porque tem muita gente que se submete, que baixa a cabeça”; “a nossa vida é pegar nosso caminho e seguir todas as estradas, passar por todas as encruzilhadas”; “já fui vítima de racismo, sim, inúmeras vezes (gargalhada) mas eu acredito que os conflitos da vida só nos amadurecem e se não fossem essas provocações eu não teria as qualificações acadêmicas que tenho”; “as pessoas têm que correr atrás de seus sonhos, independentemente da cor da pele”. Para explicar melhor como as falas serão abertas e analisadas vamos pegar a frase de uma entrevistada quando ela se refere à falta de ancestralidade dos negros. Diz: “A gente não tem antepassados, a gente não sabe de onde veio... então não tem como a gente se valorizar. Quem não sabe de onde veio também não sabe aonde quer chegar. (...) eu via minhas amigas dizendo que quando fossem se casar iam usar o vestido da bisavó ou uma joia tradicional da família. E eu parava e pensava: não tenho uma foto da minha avó”. Não é para menos. O fim da escravidão ainda é muito recente no país e no fim do século passado ainda era possível encontrar pessoas que tinham sido escravizadas ou que eram filhas de escravos. Diferentemente da maioria das pessoas brancas, os negros não trazem sobrenomes de família, mal sabem de que região da África vieram seus antepassados e têm pouquíssimas informações sobre eles. O passado da maioria dos negros brasileiros de hoje começa no período perto ou depois do fim da escravidão, na maioria em histórias narradas com detalhes que se perderam e que não trazem a precisão de registros históricos como acontece comumente com descendentes europeus, por exemplo, que conseguem reunir documentos e são capazes de provar a ancestralidade para conseguir a cidadania na Itália, na Alemanha, na França. O que para brancos depende de pesquisa, para a maioria dos negros não onde pesquisar. O *Brasil de Cor* também trata da interseccionalidade (COLLINS, 2021) e da representação negra na política, tendo entrevistado três políticos negros com mandato. É possível perceber nessas conversas a influência que a cor da pele traz para a gestão pública. Assuntos como intolerância a religiões de matriz africana, genocídio de jovens negros e a necessidade de aumentar a representatividade negra nas casas de leis são pautas recorrentes em suas ações parlamentares (SOUZA, 2021). Eles entendem que é preciso derrubar a invisibilidade negra no país e existe o entendimento de que parte da solução dos problemas está na educação. Este pensamento, aliás, é reforçado por vários entrevistados: “O estudo é fundamental porque o saber ninguém tira de você”; “as pessoas só temem a gente e nos

respeitam por causa do conhecimento”; “é preciso educar a base, mostrar para as crianças a realidade do mundo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; negros; representatividade; racismo institucional; invisibilidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento. 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil:** o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COUCEIRO DE LIMA, S. M. O Negro na televisão de São Paulo. Um estudo de relações - **Revista USP**. São Paulo, 1990. V. 3. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111239>>. Acessado em 7 de maio de 2022.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre a educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GAIDARGI, Alessandra. **Educação para as mídias no Ensino Médio:** perspectivas para o século XXI. São Paulo, e-book, 2019.

GOMES, Laurentino. **Escravidão:** da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Volume II. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2021.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional**. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MARTÍN BARBERO, José; **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2003

OLIVEIRA, Herivelto Alves de. **Brasil de Cor**. Canal Youtube. Curitiba, 2016. Disponível em <<https://youtube.com/brasildecor/videos>>. Acessado em 7 de maio de 2022.

PNAD. **Pesquisa nacional por abrangência de domicílio**. Brasília: Ministério da Economia, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Petrópolis RJ. Vozes, 2015

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Do racismo através da história: da Antiguidade à Modernidade**. Salvador: Secad-MEC. 2007.

